

## Morrer ao pé da letra: relatos de morte na clausura feminina portuguesa

*«Et n'est rien de quoi je m'informe si volontiers, que de la mort des hommes: quelle parole, quel visage, quelle contenance ils y ont eu: ni endroit des histoires que je remarque si attentivement».*

*Montaigne – Essais*

### I – As *vidas* e a morte: Da *curiositas* ao *docere*

A intenção deste trabalho, ao tomar como ponto de partida as diversas relações de vida e morte de religiosas redigidas nos séculos XVII e XVIII, foi a de proceder a um levantamento dos rituais de morte entre as religiosas portuguesas, desde os litúrgicos, naturalmente, até aos sociais e comunitários, registando também as práticas que de algum modo individualizaram algumas religiosas neste momento específico de tensão entre passado e futuro, morte e eternidade, culpa e perdão, terreno e divino, que poderia variar de mosteiro para mosteiro. Interessava-me perceber como era perspectivada, esperada, entendida e vivida essa realidade última da existência, quer do ponto de vista de quem morria, quer do de quem assistia. Por isso, os relatos de morte que sempre encerravam as biografias das religiosas afiguraram-se como um dos melhores observatórios para apreender essa realidade, até porque aí a morte de algum modo aparece perspectivada como um espelho da própria vida<sup>1</sup>, que, entre as religiosas, era vivida na expectativa desse

---

<sup>1</sup> A propósito deste cruzamento da morte com a vida, afirmou Claudie MARTIN-ULRICH: « ces deux courants, les études sur la morte et celles sur la vie, constituent des fleuves qui se rejoignent dans les faits: les récits de mort font systématiquement au moins référence, si ce n'est plus, à la vie, et inversement, les genres biographiques s'interrogent par nature sur la question de la mort (...). C'est donc un rapport dialogique qui unit ces deux pôles attirés l'un par l'autre comme des aimants magnétiques. Ce sont précisément la nature, les enjeux, les fonctions, les modalités, les limites et les valeurs de ce dialogue entre morte et vie qu'il s'agit d'explorer» (in *De bonne vie s'ensuit bonne mort. Récits de*

final e decisivo encontro com Deus. Nesse sentido se entendem os comentários de um Fr. Jerónimo de Belém acerca de Soror Maria da Coluna, de quem afirma que «toda a sua vida foi sempre um contínuo ensaio para a morte, que, como a esperava todas as horas, não perdia tempo em prevenir-lhe os assaltos»<sup>2</sup>.

As biografias, de facto, a partir do século XVI, ainda que através da designação «vida» e não do termo biografia (de criação um pouco posterior), conhecem um incremento bastante notório, tomando como objecto do seu interesse os governantes, os filósofos, os escritores, os generais e, também, os artistas e os santos. A última categoria deu lugar a várias colecções bibliográficas, com claro objectivo didáctico.

Esta ascensão da biografia na Europa, a partir do século XVI, surge na esteira de um *De viris Illustribus*, de Petrarca ou, para os casos femininos, da colecção de mulheres famosas apresentada por Boccaccio em *De Claris Mulieribus*, embora casos pontuais se possam colher desde a Antiguidade até à Idade Média.

Sem entrar na discussão das regras deste género na época, algo laterais ao ponto nodal deste trabalho, há, no entanto, que afirmar que, entre os séculos XVI a XVIII, uma atenção particular é dispensada aos «leitos da morte», conforme se lhes refere Peter Burke, que, «descritos de maneira dramática e patética, ganham espaço considerável, correspondendo ao interesse dos contemporâneos pela última cena de uma peça biográfica»<sup>3</sup>.

Para Portugal, e concretamente para os aspectos relativos à morte das religiosas, as informações referentes a esta realidade que se respigam em algumas crónicas, como a de Jerónimo de Belém<sup>4</sup>, a de Jorge Cardoso<sup>5</sup> ou a de Belchior de Santa Ana<sup>6</sup>, são muitas vezes sumárias, face aos intuitos já explicitados. Por isso,

---

*mort, récits de vie en Europe (XVe-XVIIe siècle)*, sous la direction de Patricia EICHEL-LOJKINE, avec la collaboration de Claudie MARTIN-ULRICH, Paris, Honoré Champion, 2006, 9.). Estas afirmações têm particular aplicabilidade, pelos motivos óbvios, no plano das biografias ou narrativas de vida e de morte de religiosas.

<sup>2</sup> Jerónimo de BELÉM, *Crónica Seráfica da Santa Província dos Algarves da Regular Observância do nosso Seráfico Padre S. Francisco. Em que se trata de sua Origem, Progressos e Fundações de seus Conventos*, tomo II, Lisboa, na Oficina de Inácio Rodrigues, 1750-1758, 670.

Soror Maria da Coluna, religiosa do Mosteiro de Jesus de Setúbal, faleceu a 1 de Junho de 1614.

<sup>3</sup> Peter BURKE, *A Invenção da Biografia e o Individualismo Renascentista*, in *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, nº 19 (1997), 6.

<sup>4</sup> Jerónimo de BELÉM, *Crónica Seráfica (...)* ed. cit.

<sup>5</sup> Jorge CARDOSO, *Agiolégio Lusitano dos santos e varões ilustres em virtude do Reino de Portugal (...)*, 4 tomos, Lisboa, António Craesbeeck de Melo, 1666. Existe uma edição facsímilala com estudo e índices por Maria de Lurdes C. Fernandes (tomo V), Porto, FLUP, 2002.

<sup>6</sup> Fr. Belchior de SANTA ANA, *Crónica de Carmelitas Descalços Particular do Reino de Portugal e Província de S. Filipe*, Lisboa, Oficina de Henrique Valente de Oliveira, 1657.

foi o acervo de biografias de religiosas portuguesas (manuscritas e impressas), que constituiu o núcleo duro desta investigação.

Eis o elenco das obras consultadas:

I – Manuscritas

- 1 – *Vida da Madre Soror Benta Inácia do Santíssimo Sacramento*, religiosa neste Mosteiro do Santíssimo Sacramento desta cidade de Lisboa.
- 2 – *Memórias da Madre Soror Damiana de Jesus*
- 3 – *Vida da Insigne Serva de Deus Dona Úrsula de Vilhena*. Dedicada à Sr<sup>a</sup> D. Inácia de Meneses, Vigária do (...) Real Mosteiro da Encarnação desta cidade de Lisboa, da Ordem Militar de Avis, por Fr. Domingos Carvalho.
- 4 – *Vida maravilhosa da Serva de Deus Soror Clara Gertrudes do Sacramento, religiosa do Convento de Jesus da vila de Setúbal*, escrita pelo director espiritual, o Padre Fr. Afonso dos Prazeres.
- 5 – *Memórias da Madre Soror Joana Evangelista* (D. Leonor Margarida de Noronha).
- 6 – *Relação da vida da Madre Soror Maria de S. José, religiosa carmelita descalça de algumas coisas que o P.e Fr. Félix de Jesus, seu confessor, lhe mandou que escrevesse*, estando nos derradeiros dias de sua vida em cama de doença de que morreu, e por serem poucos não foi por diante, tendo coisas admiráveis e mercês que o Senhor lhe fazia, e este pouco que escreveu foi constrangida pela santa obediência.
- 7 – *Breve recopilação da vida e morte de Sor Catarina do Salvador, religiosa do Mosteiro da Esperança em Vila Viçosa*.
- 8 – *Vida, morte e milagres da serva de Deus Custódia Maria do Sacramento*, religiosa da Ordem da Conceição e convento da cidade de Braga.
- 9 – *[Vida da] Madre Soror Maria Teresa de Jesus* do Mosteiro do Santíssimo Sacramento de Lisboa.

II – Impressas:

- 10 – *Breve Relação da Vida e Morte Prodigiosa da Madre Soror Maria Joana*, Lisboa, Oficina de Manuel Coelho Amado, 1754.
- 11 – *Relação da Vida e Morte da Serva de Deus a Venerável Madre Helena da Cruz*, por Soror Maria do Céu, religiosa do Mosteiro da Esperança de Lisboa (transcrição do códice 87 da Biblioteca Nacional, precedida de um estudo histórico por Filomena Belo), Lisboa, Quimera, 1993.
- 12 – *Vida de Soror Inês de Jesus, religiosa conversa no Convento da Anunciada desta cidade de Lisboa Ocidental*, oferecida a Maria Santíssima Senhora Nossa, por Francisco de Sousa da Silva Alcoforado Rebelo, Lisboa, Nova Oficina de Maurício Vicente de Almeida, 1731.
- 13 – *Desposórios do espírito celebrado entre o divino amante e sua amada Esposa a Venerável Madre Soror Mariana do Rosário*, religiosa de véu branco no Convento do Salvador da cidade de Évora, oferecida a D. Fr. Luís da Silva, Arcebispo de Évora, por Fr. António de Almada, Eremita de Sto Agostinho, Lisboa, Manuel Lopes Ferreira, 1694.
- 14 – *Fragmentos da Prodigiosa Vida da muito favorecida e amada Esposa de Jesus Cristo, a Venerável Madre Mariana da Purificação*, ordenados e expendidos por Fr. Caetano do Vencimento, Lisboa, António da Silva, 1747.
- 15 – *Memorial das instrutivas palavras e edificantes obras da muito virtuosa Madre Mariana da Purificação*, natural de Lisboa, religiosa do Carmo Observante no Convento da Esperança de Beja, onde se conserva o seu venerando corpo inteiro, para entregar-se aos seus piedosos afeiçoados, a fim de a imitarem quanto lhes for possível. Pelo seu indigno irmão Fr. Miguel de Azevedo, cronista da Ordem em Portugal, Lisboa, Simão Tadeu Ferreira, 1802.
- 16 – *Vida e Obras da Serva de Deus a Madre Mariana Josefa Joaquina de Jesus, Religiosa Carmelita Descalça do Convento de Santa Teresa do lugar de Carnide*, Lisboa, Régia Oficina Tipográfica, 1783.
- 17 – *Vida da Insigne Mestra de espírito, a virtuosa Madre Maria Perpétua da Luz*, religiosa carmelita calçada do convento da Esperança de

Beja, por Fr. José Pereira de Santa Ana, cronista da mesma Ordem, Lisboa, Herdeiros de António Pedroso Galvão, 1742.

- 18 – *Vida Portentosa da Serva de Deus D. Tomásia de Jesus, Terceira professa da venerável Ordem de S. Domingos*, que habitou muitos anos no Convento do Salvador desta cidade de Lisboa, onde faleceu no dia 26 de Maio do ano de 1755, escrita pelo seu confessor, o Padre Fr. João Franco, da Sagrada Ordem dos Pregadores e dedicada ao Sereníssimo Senhor D. Pedro, Infante de Portugal, Lisboa, Oficina de Miguel Manescal da Costa, 1757.
- 19 – *Notícias fielmente relatadas dos custosos meios por onde veio a este Reino de Portugal a religião Brigítana, que se intitula a Ordem de S. Salvador (...) e milagrosos aumentos deste Convento de Nossa Senhora da Conceição de Marvila (...). E se seguem várias relações das virtudes e boa opinião com que nele faleceram algumas religiosas e insignes benfeitoras*, escritas pela Madre Soror Maria Madalena de S. Pedro, (...) dadas à luz (...) pela Madre Soror Mariana Josefa da Glória, ambas religiosas do dito Mosteiro, Lisboa, Oficina de Miguel Manescal da Costa, Impressor do Santo Ofício, 1745.
- 20 – *Vida e Milagres da Venerável Madre Soror Francisca da Conceição, religiosa exemplaríssima no Mosteiro de Santa Clara da Vila de Trancoso*, pelo Padre Simão Cardoso Pacheco, do hábito de s. Pedro, Lisboa, Oficina de António Pedroso Galvão, 1738.
- 21 – *Rosas do Japão, cândidas açucenas (...) e peregrinas flores, colhidas no jardim da Igreja do Japão, sem que os espinhos da infidelidade e idolatria as pudessem murchar, em as vidas das muito ilustres senhoras D. Júlia Nayto, D. Luzia da Cruz, ou Caraviaxi, e D. Tecla Inácia, ou Muni, e de suas companheiras, congregadas em o Santo Recolhimento da Imperial Cidade de Meaco, Corte dos Imperadores do Japão, aonde foram presas e padeceram pela Fé muitos tormentos (...) e de onde foram lançadas e desterradas para a cidade de Manila, em Filipinas*, por Frei Agostinho de Santa Maria, Lisboa, Oficina de António Pedroso Galvão, 1709.
- 22 – *História da Vida Admirável (...) da Venerável Madre Soror Brízida de Santo António, (...) Abadessa do muito religioso Convento de santa Brízida das Madres Inglesas*, por Fr. Agostinho de Santa Maria, Lisboa, António Pedroso Galvão, 1701.

- 23 – *Jardim do Céu plantado no Convento de Nossa Senhora da Conceição da cidade de Braga*, (...) composto pela Madre Maria Benta do Céu, religiosa professa no mesmo Convento da Conceição de Braga, Lisboa, Oficina de Manuel Coelho Amado, 1766.
- 24 – *História da vida e morte da Madre Soror Vitória da Encarnação, religiosa professa no Convento de Santa Clara do Desterro da cidade da Baía*, pelo Arcebispo D. Sebastião Monteiro da Vide, Roma, Estamparia de João Francisco Chracas, 1720.
- 25 – *Instruções Morais e Ascéticas deduzidas da vida e morte da Venerável Madre Soror Francisca do Livramento, Abadessa que foi no Mosteiro de Nossa Senhora da Esperança da cidade de Ponta Delgada, ilha de S. Miguel (...)*, por Frei Manuel de S. Luís, Indigno Frade Menor (...) e Confessor da dita Serva de Deus, Lisboa, Oficina Augustiniana, 1731.
- 26 – *Vida, virtudes e falecimento da venerável Madre Soror Joana Luísa do Carmelo, Religiosa da Ordem Terceira de S. Francisco no Real Mosteiro de Santa Ana de Lisboa*, fielmente escrita pelo seu Confessor. Fr. António do Sacramento, Lisboa, Oficina Herdeiros de António Pedroso Galvão, 1751.

Este conjunto de vinte e seis biografias (nove manuscritas e dezassete impressas) é, entretanto, um sub-conjunto de entre um outro, naturalmente mais vasto, de biografias de religiosas, onde a escrita da vida não se deteve no registo da morte. Retivemos, pois, estas vinte e seis, onde à bio-grafia se sucede a tanato-grafia.

De algum modo, a divulgação da santíssima morte de religiosas que também santamente tinham vivido constituía um modo de afirmação da importância dos mosteiros femininos entre a sociedade envolvente. Uma prova dessa percepção dos mosteiros como espaços de poder espiritual pode ler-se nas palavras de Soror Maria do Céu enquanto biógrafa da Madre Helena da Cruz, que, ao descrever a multidão que se atropelava no Coro do mosteiro para «ver a santa que havia falecido», afirma que «era a gente que acudia de todos os sexos e estados, que permitiu Deus fosse de tantos aclamada por santa: maior honra que se a aclamassem por Rainha»<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> *Relação da vida e morte da(...) Madre Helena da Cruz (...)*, 221.

Registe-se ainda que a maior parte destas narrativas é de autoria masculina, normalmente do confessor da religiosa em apreço, o que não impede que as excepções ocorram: Maria Madalena de S. Pedro, Maria do Céu, Maria Benta do Céu, entre as mais conhecidas. No entanto, é importante referir aqui a presença de um fenómeno de palimpsesto: muitas das biografias redigidas por estes autores masculinos têm na sua base narrativas de religiosas, que eles reformulam e que, em alguns momentos, são mesmo copiadas fielmente, segundo alguns deles confessam, de originais manuscritos que se achavam nos próprios conventos: «E como das histórias a alma é a verdade, eu, para melhor descobrir esta, a fui buscar ao Convento do Salvador, aonde a Venerável Soror Mariana morreu. Ali achei os mesmos originais que ela escreveu por mandado de seu Confessor. (...) Na substância do que digo nada mudei dos mesmos originais; na ordem e repartição das matérias me pareceu melhor dispor em outra forma o que achei escrito, repartindo as coisas pelas classes ou títulos a que mais propriamente entendi pertencerem», confessa Fr. António d'Almada<sup>8</sup>. De facto, é muito curioso testemunhar, por exemplo, a opinião de D. António Caetano de Sousa, o redactor do *Agiolôgio Lusitano*, enquanto Qualificador do Santo Ofício, na licença do Paço que concede à edição da obra de Soror Maria Madalena de S. Pedro, *Notícias Fielmente relatadas dos custosos meios por onde veio a este Reino de Portugal a religião Brigítana (...) e da prodigiosa fundação e milagrosos aumentos deste Convento de Nossa Senhora da Conceição de Marvila (...) e se seguem várias relações das virtudes e boa opinião com que nele faleceram algumas religiosas e insignes benfeitoras*: «Não posso dissimular o sentimento que me causou ver este livro, depois de ter acabado de imprimir o quarto tomo do *Agiolôgio Lusitano (...)*, porque nele tinham digno lugar algumas religiosas de que neste se trata». De facto, a mais visível História de mulheres, sempre que existiu, teve a seu cargo uma redacção masculina, ainda que por trás dessa ordenação narrativa estivessem textos de autoria feminina, que raramente se conhecem porque foram apenas fontes que o tempo perdeu ou dispersou.

De uma forma geral, os relatos da morte de religiosas<sup>9</sup> organizam-se, quase todos, em torno dos mesmos parâmetros, utilizando até uma retórica comum que não passa despercebida e que procura enfatizar, junto de um receptor específico, um discurso intencionalmente concebido por um emissor directa ou indirectamente implicado nessa morte, mas inequivocamente interessado no discurso sobre ela. A ideologia do *docere* aglutina a maior parte destes textos, interessados

---

<sup>8</sup> Frei António d'ALMADA, «A quem ler», *Desposórios do Espírito celebrados entre o Divino Amante e a (...) Venerável Madre Soror Mariana do Rosário (...)*, ed. cit..

<sup>9</sup> Sobre as narrativas da morte redigidas na Europa entre os séculos XV e XVII, masculinas ou femininas, veja-se a interessante colecção de ensaios reunidos em *De bonne vie s'ensuit bonne mort. Récits de mort, récits de vie en Europe (XVe-XVIIIe siècle)*, ed. cit..

em demonstrar que uma boa morte se consegue na sequência de uma vida boa e santa. Apresentar exemplos concretos de experiências de vida que roçaram de perto a santidade e o divino tornou-se, em alguns casos, a ambição fundamental dos biógrafos, que pretendiam apresentar essa exemplaridade fora das paredes dos mosteiros: «espelho claríssimo (...) de heróicas virtudes, para que te resolvas a imitá-las»<sup>10</sup>. A imitação constituía o escopo essencial destas produções, que se lia logo no título de algumas obras: *Memorial das instrutivas palavras e edificantes obras (...) da Madre Mariana da Purificação, para entregar-se a seus piedosos afeiçãoados, a fim de a imitarem quanto lhes for possível*.

## II – Narrativas da morte: uma retórica própria

### 1 – As *ultima verba*

#### a) Pedir perdão

Esta retórica da morte na tanatografia não se fixa apenas nas estratégias do narrador, mas estende-se também à própria religiosa moribunda, que, no leito de morte, através da memória do passado afinada pela confissão dos pecados, produz um discurso de perdão extensivo a toda a comunidade. São inúmeros os registos dessa atitude, no âmbito da imensa curiosidade que envolvia então as *ultima verba* das moribundas:

*«Pedia perdão às freiras (dos agravos que nunca lhe fez) com a maior humildade e se despedia de todas com alegria», diz o biógrafo de Benta Inácia do Santíssimo Sacramento.*

*«Abraçando-as a todas lhes pedia muitos perdões, e chegando às noviças lhes fez uma prática a cada uma, que a todas nos fez chorar de consolação», diz a religiosa biógrafa de Soror Maria Joana, do Convento do Lourical<sup>11</sup>.*

*«Pedi perdão de suas culpas às mesmas a quem sempre edificava com o seu exemplo», diz-se na biografia de Soror Mariana do Rosário do convento do Salvador de Évora.*

<sup>10</sup> «Prólogo ao Leitor» da *Vida maravilhosa de Soror Clara Gertrudes do Sacramento, escrita pelo Director Espiritual o Padre Fr. Afonso dos PRAZERES*, ed.cit.

<sup>11</sup> *Breve Relação da Vida e Morte da(...) Madre Maria Joana (...)*, ed. cit., 4.

«Pedi perdão a toda a comunidade e que lhe dessem a Extrema Unção, que morria (...) e que lhe dessem um crucifixo, que se queria despedir de seu Senhor e Pai», narra o biógrafo de Custódia do Sacramento.

«Pedi ao confessor, por estar fraca, que em seu nome pedisse perdão a presentes e absentes», relata a vida de Soror Catarina do Salvador do mosteiro da Esperança em Vila Viçosa.

Por último, o exemplo colhido da biografia da Madre Mariana Josefa Joaquina de Jesus, que, ao sentir chegada a hora da morte, «pediu a toda a comunidade perdão dos seus escândalos e mau exemplo que houvesse dado»<sup>12</sup>.

#### b) Orações, colóquios, jaculatórias

Ainda no âmbito das últimas palavras das religiosas se insere a referência que estas narrativas comportam às orações que proferiram e ao modo como o fizeram. De entre as muitas jaculatórias que as narrativas registam, algumas são extremamente breves, como a da Madre Luísa, do Mosteiro da Conceição de Braga, transcritas por Maria Benta do Céu no seu *Jardim do Céu*: «Recebeu com grande devoção e ternura todos os sacramentos, dizendo: «Vinde, Senhor, vinde, que aqui estou disposta para o que fores servido»»<sup>13</sup>.

Destaca-se ainda o discurso de Soror Serafina da Glória<sup>14</sup>, que «fez ao Senhor esta devota oferta: «Eu vos ofereço, Senhor, todas as ânsias e trabalhos que tenho passado e passo ainda nesta hora daquela intenção e amoroso sacrificio com que morrestes e padeceste por mim nessa cruz»».

Também a Madre Soror Maria da Coluna, religiosa do mesmo Mosteiro de Jesus de Setúbal, «com os olhos devotamente inclinados a uma imagem de Cristo crucificado, suplicava a sua misericórdia nesta forma: «Ó alma minha, que será de ti? Aonde estarás em breve tempo! Nada tenho feito por meu Deus mais que ofensas contra sua Divina Majestade. Ó Senhor, valham-me os merecimentos de vosso precioso sangue. A água tanto desce quanto sobe; e tanto sobe quanto tem

---

<sup>12</sup> *Vida e Obras da Serva de Deus a Madre Mariana Josefa Joaquina de Jesus (...)*, ed. cit., 191.

<sup>13</sup> *Jardim do Céu plantado no Convento de Nossa Senhora da Conceição (...)*, ed. cit., 117.

<sup>14</sup> Jerónimo de BELÉM, *Crónica Seráfica (...)*, ed. cit., tomo II, 672. Soror Serafina da Glória morre a 18 de Setembro de 1618. Foi religiosa do Mosteiro de Jesus de Setúbal.

descido. Eu não desci por humildade e assim não sei o que subirei; mas espero em vós, Senhor, que haveis de salvar esta alma»<sup>15</sup>.

Por último, por se considerarem expressivas do debate interior em que muitas religiosas viviam os últimos momentos, transcrevem-se as palavras de Soror Brízida de Santo António, quando não lhe «faltou nestas últimas horas o comum inimigo em a perseguir. (...) Mas ela, cheia de celestial confiança, lhe dizia: «Vai-te daqui fementido, que não estou pelo que dizes. Creio em Deus e em tudo o que crê e me ensina a Santa Madre Igreja de Roma». E pedindo lhe dessem água benta (...) o afugentou com ela»<sup>16</sup>.

### c) Orações comunitárias e da Igreja

Muitas narrativas destacam as orações proferidas pela comunidade e as práticas espirituais solicitadas pela própria moribunda. Neste âmbito registo com destaque, pela singularidade do caso, a morte de Soror Francisca das Chagas, referida por Fr. Jerónimo de Belém, a qual, sentindo que ia morrer, como redobrasse a sua alegria por saber que encontrava finalmente o fim para que sempre vivera, não entendeu a comunidade nem a prelada que tivesse chegado efectivamente a sua hora. Assim, na ausência dos últimos sacramentos, que pedira mas que não chegavam, contornou esse auxílio que não vinha optando por renovar os seus votos de religiosa, facto que, como gesto final de uma vida, assume uma dimensão particularmente interessante, pela atitude de confiante entrega a Cristo, na morte, como no início da vida religiosa, numa circularidade intensamente significativa:

*«(...) Vendo que não vinham os padres para sacramentá-la, (por não entender a Prelada que era o mal tanto e esperar que viesse médico que avisasse do estado dele) ofereceu ao Senhor aquele desamparo e pediu o seu rosário e as suas contas bentas e beijou tudo devotamente. Logo com estranho fervor renovou os seus votos como se naquela hora professara, mostrando no acto tal alento, que cuidaram as religiosas que havia de durar ainda muitos dias. Renovados os votos com admiráveis palavras, confessou o mistério da Santíssima Trindade e disse algumas cousas de muita edificação, e dando evidente sinal que falava com Deus em seu peito, e abraçada com uma cruz, postos os olhos no céu, deu a alma ao seu Criador»<sup>17</sup>.*

<sup>15</sup> Jerónimo de BELÉM, *Crónica Seráfica (...)*, ed. cit., tomo II, 670.

<sup>16</sup> *História da Vida Admirável (...)* da Madre Soror Brízida de Santo António (...), ed. cit., 257.

<sup>17</sup> *Crónica Seráfica (...)*, ed. cit., tomo II, 353. Soror Francisca das Chagas, religiosa do Convento da Anunciada de Évora, morreu a 6 de Novembro de 1594.

O uso da palavra nestes momentos terminais é normalmente registado para captar a personalidade da biografada, salientando, através do recurso à *petite histoire* e a pormenores às vezes insignificantes, atitudes que de outro modo ficariam sempre traçadas de viés. As «últimas palavras que referiu» Custódia Maria do Sacramento, religiosa da Conceição de Braga, «foi dizendo-lhe uma freira que também tinha ali Nossa Senhora sua Mãe, ela fixando os olhos na Senhora, disse: «Ó Mãe Santíssima, que tão má filha!»»<sup>18</sup>. Deste modo se capta a insatisfação face à sua vida, num momento em que a suma perfeição se desenrola no plano das expectativas imediatas.

Efectivamente, «le biographe va devoir faire un choix dans la masse d'information dont il dispose; il n'est pas question de s'encombrer de l'inutile. Mais là encore, il doit, en artiste, faire preuve de discernement et valoriser des faits signifiants qui peuvent être des éléments apparemment marginaux. Les détails les plus petits sont souvent les plus intéressants. C'est même la quête de ces détails les plus aneddotiques mais les plus révélateurs de la personnalité du biographé qui constitue le charme et le sens du genre biographique et relève donc, selon Mauriac, de l'art du romancier: «un biographe, comme un romancier, devrait exposer et non imposer»<sup>19</sup>». Por isso se sente o leitor tão atraído pela leitura destes relatos, que narram, por vezes, o inusitado ou inesperado.

Efectivamente, mesmo levando em conta os excessos da imaginação hagiográfica, será sempre curioso que a santa Virgem Tecla tenha falado em Latim (língua que não sabia e de que tinha, por isso, péssima pronúncia) poucas horas antes de morrer: «e então ela, em latim, com muito boa pronúncia (não obstante que de si a não tinha boa) repetiu o que estava ouvindo e cheia de gozo do Espírito Santo disse: « Cantemus Domine Gloria Patri, & Filio, & Spiritui Sancto, etc». Ficou (...) atónito o confessor, porque nunca lhe havia ouvido falar nem uma palavra em latim.» Depois, D. Tecla, «levantando os olhos e posta em fervoríssima contemplação, pediu a Sua Divina Majestade boa morte, e fez esta petição: «Concede mihi honestissimam & sanctissimam mortem». (...) Renovou-se-lhe ao Confessor a admiração e ficou convencido que sobrenaturalmente havia falado em latim»<sup>20</sup>.

Em outros momentos, no entanto, as palavras das religiosas moribundas apresentam uma moldura litúrgica e absolutamente protocolar: «a noite antes de Deus a levar, como o pulso se achando fraco, disse (...) que chamassem as freiras

---

<sup>18</sup> *Vida, morte e milagres da Serva de Deus Custódia Maria do Sacramento*, fl. 199. Custódia do Sacramento faleceu a 22 de Junho de 1739.

<sup>19</sup> François DOSSE, «La biographie, un genre impur», *Le pari biographique. Écrire une vie*, Paris, La Découverte, 2005, 58-59. As citações de André MAUROIS pertencem à obra *Aspects de la biographie*, Paris, Grasset, 1932, 89 e 98, respectivamente.

<sup>20</sup> *Rosas do Japão (...)*, ed. cit., 141. D. Tecla faleceu a 10 de Dezembro de 1656, com 77 anos.

para lhe rezarem o Ofício da Agonia. Vieram os frades, tornou-se a reconciliar e ajudou ao Ofício da Agonia<sup>21</sup>, que o sabia de cor porque todos os dias o rezava em vida por sua alma. (...) Em amanhecendo pediu (...) que lhe fossem chamar as freiras, que lhe lessem e rezassem pelo livro devotíssimo que para aquela hora tem; e nós as amigas e irmã sua que a não deixássemos e lhe tivéssemos perto a candeia»<sup>22</sup>.

Já o *Te Deum laudamus*, entre muitas outras orações, colóquios, jaculatórias, actos de contrição, humilhações, etc foi a oração escolhida pela Madre Mariana, religiosa carmelita calçada do Mosteiro da Esperança de Beja: «À meia noite mandou rezar o *Te Deus Laudamus* e ela o foi alternando juntamente com as religiosas. Disse mais algumas comemorações da sua devoção e no fim de tudo o glorioso cântico que entoaram na lapinha de Belém». Expirou às 5h da manhã<sup>23</sup>.

#### d) Em discurso directo: diálogos com a comunidade

Como constatou Burke, muitas biografias incluíram frequentes vezes diálogos em discurso directo<sup>24</sup> e esta ocorrência generalizou-se de tal modo, que quase se transforma no sub-género da biografia. Se bem que estas biografias de religiosas que se tomaram como *corpus* de trabalho não transcreviam as duas partes do diálogo, são frequentes as referências a diálogos entre as religiosas e as companheiras, a Prelada, o confessor, uma ou outra religiosa sua familiar, ou até mesmo os santos, Cristo, etc. A propósito da morte da Madre Benta Inácia do Santíssimo Sacramento, relata-se que «se despedia de todas com muita alegria; e era tal o sossego em que estava, que estando fazendo-se o altar na enfermaria para se pôr o Santíssimo, ela disse à enfermeira: «abri-me essa cortina da cela, que quero ver onde hei-de pôr a meu Senhor»»<sup>25</sup>.

Nos últimos momentos da sua vida, Soror Brízida de Santo António queixou-se repetidamente «que abafava; mas no mesmo tempo acrescentava que se fizesse em tudo a vontade divina, e não a sua. (...) Não faltou nestas últimas horas o comum inimigo em a perseguir. (...) Por certo se deve ter que o Senhor a livrou e juntamente a fortaleceu, porque sossegado daquela batalha o seu coração, e pos-

<sup>21</sup> O mesmo Ofício da Agonia pediu D. Úrsula de Vilhena, do Real Mosteiro da Encarnação de Lisboa, das Comendadeiras da Ordem Militar de S. Bento de Avis, que faleceu em 12 de Dezembro de 1665 (fl. 253).

<sup>22</sup> *Breve Recopilação da vida e morte de Soror Catarina do Salvador, religiosa do mosteiro da Esperança de Vila Viçosa*, fl. 35.

<sup>23</sup> Soror Mariana da Purificação faleceu com 72 anos de idade e 32 de hábito carmelitano, no dia 8 de Dezembro de 1695.

<sup>24</sup> Peter BURKE, *A Invenção da Biografia (...)*, art. cit., 6.

<sup>25</sup> *Vida da Madre Soror Benta Inácia (...)*, fl. 29.

to em uma grande paz, começou a dizer o salmo *Deus, Deus meus, respice in me*; e passado algum espaço disse o de *Misericordias Domini in aeternum cantabo*. E depois disse: «Quando se acabará este fogo?». Tão grande era o incêndio com que o Divino Amor se havia ateado no seu espírito, que corpo e alma se desfaziam nele.<sup>26</sup>»

A Madre Joana Luísa do Carmelo, depois de se confessar outra vez, (...) se ficou algum tempo recolhida no interior, desafogando as suas amorosas ânsias com o seu Esposo Amado de quem sentia tão viva a sua divina presença. E esta foi a ocasião em que eu, sabendo que entendia a língua latina, lhe disse, não sem gozo interior: «Eia, Madre Soror Joana Luísa do Carmelo: Sursum corda!» Ao que ela respondeu com a sua costumada alegria e humildade: «Habemus ad Dominum», e se ficou recolhida no seu interior.<sup>27</sup>»

Soror Maria Joana, «algum tempo depois de comungar, entrou em grande aflição; e perguntando-se-lhe o que tinha, respondeu: «Atravessa-me o coração a espada de dor que atravessou a Maria Santíssima»»<sup>28</sup>.

A Madre Maria Perpétua da Luz, embora um pouco desconfortável com as constantes manifestações de apreço da comunidade, a todas atendia: « algumas das mesmas Religiosas que (...) lhe expressavam o bem que lhe apeteçiam pasmavam de conhecer que ela ficava mais desgostada que agradecida aos seus empenhos. A outras, que com semelhantes exagerações a importunavam, ouvia prudente, e atenta as admoestava, dizendo-lhes ultimamente: «Deus e mais Deus»»<sup>29</sup>.

O registo das últimas frases das religiosas ou de frases curiosas que pronunciaram nos dias em que enfrentaram a proximidade da morte de algum modo constituem uma ressonância do interesse da época pelos ditos, sentenças, apotegmas e frases de personagens célebres, sobre os quais se elaboraram algumas colectâneas<sup>30</sup>.

---

<sup>26</sup> *História da Vida Admirável (...) da Madre Soror Brízida de Santo António (...)*, ed. cit., 257.

<sup>27</sup> *Vida, virtudes e falecimento da Venerável Madre Soror Joana Luísa do Carmelo (...)*, ed. cit., 164-165.

<sup>28</sup> *Breve Relação da vida e morte(...) da Madre Soror Maria Joana (...)*, ed. cit., 6.

<sup>29</sup> *Vida da Insigne Mestra de Espírito (...) a Madre Maria Perpétua da Luz (...)*, ed. cit., 423.

<sup>30</sup> Ver Isabel MORUJÃO, *Verdades do Tempo e Máximas do Século: dois manuscritos inéditos de Soror Maria do Céu*, in *Revista da Faculdade de Letras*, IX (1992), 299-307. As colecções de ditos e apotegmas que se encontram disseminadas pelas bibliotecas portuguesas, em miscelâneas de vária ordem, confirmam também a curiosidade pelo registo de frases lapidares, muitas delas produzidas por religiosas. Soror Feliciano Maria de Milão é uma das religiosas portuguesas sobre as quais abundam vários registos de ditos dignos de memória (Ver Manuel Bernardes BRANCO, *As minhas queridas freirinhas de Odivelas*, Lisboa, Tipografia Castro Irmão, 1886).

## e) Avisos, recomendações e desenganos: uns quase-sermões

Algumas religiosas (e não esqueçamos o voto de silêncio que faziam) aproveitavam esses momentos últimos para fazerem recomendações várias, quer sobre o que gostariam que lhes fosse feito em termos de prática devocional, quer sobre modos de viver que aconselhavam às religiosas suas companheiras que então as assistiam: Soror Maria Joana, «abraçando-se a todas, lhe pedia muitos perdões, e chegando às noviças lhes fez uma prática a cada uma, que a todas nos fez chorar de consolação»<sup>31</sup>. Fez muitas recomendações: «que rogassem a Deus pelas três necessidades que ela cá nesta vida tivera de obrigação pelos seus estatutos, que são as dos que estão em pecado mortal, em agonia de morte e as almas do Purgatório»<sup>32</sup>.

Soror Catarina do Salvador, morrendo muito nova no Mosteiro da Esperança de Vila Viçosa, pediu a uma religiosa do seu mosteiro o que esta narra do seguinte modo: «logo daí a pouco se despediu de mim (...), dizendo-me (...) que lhe tirasse logo uma bula da cruzada e fizesse por sua alma o que ela merecia e fizera pela minha (...) e só sentia não saber se estava aparelhada para aquela hora como devia, que nela a encomendasse mui particularmente a Deus»<sup>33</sup>. Mas quando a religiosa que se aparelhava para morrer era experiente na vida religiosa, normalmente detinha-se com as suas companheiras, recomendando aquilo que, naquela hora em que as escamas que tantas vezes ocultavam o essencial da existência se iam perdendo, lhe parecia fundamental preservar na vivência em Religião. Assim fez Soror Mariana do Rosário, «que dos mesmos termos da doença em que a si se via tirava medicinais documentos para as almas das suas religiosas. A todas exortava com caridade que do estado em que a ela a viam fizessem espelho para se verem a si; que aprendessem ali quão breve é a vida, quão velozmente passam os anos, que enquanto continuam são cheios de trabalhos e misérias, e quando menos se imagina vem a parar no desengano da morte. Oh desengano, que mal considerado és, sendo tantas vezes visto!

Daqui inferia, e continuava dizendo, que de tão inconstantes bens como os da terra não era justo se deixasse prender quem conhece por fé quão grandes são os bens da eternidade; que nestes só se deve empregar o amor da criatura humana, porque o deixar o eterno pelo caduco é sem razão tão notória, que não parece capaz de ser arbítrio de quem é intelectual e racional.

---

<sup>31</sup> *Breve relação da vida e morte prodigiosa da Madre Soror Maria Joana, nossa irmã, que faleceu a 25 de Março de 1754 neste nosso convento do Lourçal*, ed. cit., 4.

<sup>32</sup> *Breve relação da vida e morte (...) da Madre Soror Maria Joana, (...)*, ed. cit., 6.

<sup>33</sup> *Breve recopilção da vida e morte de Soror Catarina do Salvador*, fl. 34.

Dizia-lhes também, e nisto colocava toda a força da persuasão, que ponderassem em suas almas que eram Esposas de Jesus Cristo e, como tais, obrigadas ao amar com multiplicados afectos; porque se as criaturas têm por obrigação de o amar por Criador, as Religiosas vivem obrigadas a seu amor, porque são criaturas e porque são esposas; que não satisfaz a freira à perfeição e santidade de seu estado, deixando de ofender a Deus em outros pecados, se também deixa de o amar com um finíssimo afecto de toda a alma, *que não se contentassem seus corações com amar a Deus de meias com o mundo*, (...) porque ninguém pode servir a dois senhores»<sup>34</sup>.

Quase parece assistir-se a um sermão no feminino, pelo que é difícil avaliar quanto, de entre toda esta informação, vem enformada pela missão de pregador do biógrafo e quanto foi proferido exactamente pela religiosa. O itálico da edição assegura que algumas palavras foram exactamente as que a religiosa proferiu. Aliás, o múnus da pregação foi exercido no interior dos conventos por muitas abadesas. Se, de facto, Soror Mariana proferiu todo este discurso, produziu um acto de fala que poderá integrar a tipologia do sermão.

A atenção às palavras das moribundas era, assim, uma atitude incontornável entre as várias comunidades de religiosas. E, mesmo nos momentos em que não se percebia o que as religiosas diziam, quase sempre o registo da sua morte refere que falavam: «e nos derradeiros dias se viu estar com as mãos postas com muita devoção para um Cristo crucificado que diante tinha, com quem falava sem se lhe entender o que dizia»<sup>35</sup>.

### III – Morrer como em espelho

#### 1 – A sede

A repulsa pela comida, tenha ela origem física ou espiritual, é outra das constantes que surpreendemos no leito de morte das religiosas, contrastando também com a atitude da comunidade, que, zelosa e caritativa, procurava mimar as suas doentes: «Nove semanas e dois dias estive esta serva de Deus em artigos de morte e levou todo este tempo quase sem comer, pois para lhe darem uma xícara

---

<sup>34</sup> *Desposórios do espírito (...)*, ed. cit., 377-378. Manteve-se o itálico por ser este o modo pelo qual o biógrafo assinala as palavras utilizadas pela religiosa que relatou o caso. Nestes casos, trata-se de um discurso muitas vezes a duas vozes (a do biógrafo e a de uma religiosa que escrevera para uso interno do convento sobre o mesmo assunto).

<sup>35</sup> *Vida e morte de Soror Catarina do Salvador, religiosa do mosteiro da Esperança de Vila Viçosa*, fl. 30.

de chocolate custava isso imenso trabalho, a ela pelo grande fastio que tinha, e às religiosas pela verem naquele estado a padecer»<sup>36</sup>.

Também a propósito da Madre Francisca do Livramento conta o seu biógrafo: «E despedindo-me da dita serva de Deus na sobredita quarta-feira de tarde, de indústria me demorei fora, por algum espaço de tempo, para que, passado ele, mandasse saber por alguma religiosa como estava a dita enferma, e juntamente que lhe dessem uma gota de caldo de galinha, por quanto nos três dias do acidente pouco ou nada havia tomado. E como havia muitos anos que a dita serva de Deus nem nas doenças em que estava de cama costumava comer carne, queria eu experimentar se com aquela espécie de caldo tomava algum alento»<sup>37</sup>.

Assim, em vez da comida, que muitas rejeitavam, é comum registar a imensa sede das religiosas no leito da morte, como se de algum modo se irmanassem a Cristo que, na sua paixão, pedira de beber:

«E é de notar a insaciável sede que a dita serva de Deus tinha, não só no princípio da noite da dita quarta-feira, mas também nas duas antecedentes; porque em uma delas lhe deram água por nove vezes; porque de indústria as contou uma sobrinha sua, que lha deu, pedindo-a com grande ânsia»<sup>38</sup>.

Também Mariana da Purificação apresentava sintomatologias que só a água parecia poder acalmar: «Comunicaram-se ao corpo as activas chamas em que ardia o espírito e paulatinamente lhe foi consumindo os alentos aquela intermitente febre que padeceu alguns anos, antecedentes à sua feliz morte. Por muitas vezes intentaram os domésticos e estranhos médicos (...) evitar com refrigerantes as funestas consequências que indicava a intenção de calor tão excessivo; mas como não encontravam na terrena medicina o curativo desta amorosa queixa, por conselho dos mestres de espírito a deixaram à discrição do tempo, recomendando somente às religiosas e suas enfermeiras lhe dessem frutas frescas e quanta água lhe apetecesse. Atinaram com o género, mas não com a qualidade do remédio, porque este só se podia descobrir na fonte das águas vivas do que a Venerável Madre Mariana cada vez mais hidrópica se mostrava»<sup>39</sup>.

A mesma sede experimentou Soror Mariana do Rosário, interpretada já pelo seu biógrafo à luz da imitação de Cristo: «Aquele tarde pediu a Serva de Deus lhe dessem água, porque o calor da febre era veementíssimo e excessivas as

<sup>36</sup> *Vida portentosa da Serva de Deus D. Tomásia de Jesus (...)*, ed. cit., 71.

<sup>37</sup> *Instruções morais (...) deduzidas da vida e morte da Venerável Madre Francisca do Livramento (...)*, ed. cit., 248.

<sup>38</sup> *Instruções morais (...) deduzidas da vida e morte da Venerável Madre Francisca do Livramento (...)*, ed. cit. 249.

<sup>39</sup> *Fragmentos da Prodigiosa Vida da (...) Madre Mariana da Purificação (...)*, ed. cit., 347.

securas que padecia: se já não foi que nisto quis mostrar uma imitação de seu divino Esposo, que também quando estava para expirar disse na Cruz que tinha sede»<sup>40</sup>.

Outras vezes, o pedir por um caldo constitui apenas uma forma de prolongar as forças até ao momento de receber a Santa Unção, como se regista na *Vida de Soror Inês de Jesus*: «Deu a meia-noite, pediu lhe dessem o caldo de substância, porque queria chegar à manhã do outro dia para receber ao seu Senhor e a Santa Unção»<sup>41</sup>.

## 2 – As dores

À hora da morte, algumas religiosas gostam de ver que nelas se reproduzem tormentos ou situações vividas pelos santos da sua maior devoção. Soror Inês de Jesus «perguntou se Santa Rosa de Lima acabara com muitas dores e dizendo-lhe que sim, parece que teve algum gosto interior de se assemelhar na morte àquela que tanto procurou imitar na vida»<sup>42</sup>.

## 3 – *Imitatio Christi*

Algumas delas, numa atitude de quem sempre viveu em função do crucificado, colocam os braços em cruz, imitando a Cristo, e assim morrem: «vendo ser chegada a sua tão desejada hora, se fortaleceu para os últimos combates com o Sacramento da Extrema Unção; e pondo logo os braços em cruz, com o Santíssimo Nome de Jesus na boca, lhe entregou a sua alma», relata Fr. Jerónimo de Belém, a propósito de Soror Maria da Coluna<sup>43</sup>. O mesmo procurou fazer, com maior reconstituição desse momento da paixão de Cristo, Soror Vitória da Encarnação: «pediu às religiosas que a levantassem por três vezes (...), o que elas fizeram com muito amor, reclinando-a sobre o peito, mas durava pouco espaço, porque logo pedia a deitassem outra vez, o que elas atribuíram seria à imitação das quedas que deu nosso Redentor (...), porque logo pediu a levantassem a quarta e última vez, e a pregassem na parede, mas, porque não era fácil, serviu de parede o peito de uma das moças do convento. E tanto que se viu reclinada, abrindo os braços e estendendo os pés muito direitos, se pôs em forma de cruz»<sup>44</sup>.

---

<sup>40</sup> *Vida da Venerável Serva de Deus Soror Mariana do Rosário (...)*, ed. cit., 380.

<sup>41</sup> *Vida de Soror Inês de Jesus (...)*, ed. cit., 103.

<sup>42</sup> *Vida de Soror Inês de Jesus (...)*, ed. cit., 146.

<sup>43</sup> Jerónimo de BELÉM, *Crónica Seráfica (...)*, ed. cit., tomo II, 670.

Soror Maria da Coluna faleceu a 1 de Junho de 1614.

<sup>44</sup> *Vida da Madre Vitória da Encarnação (...)*, 123-124..

É normalmente sobre o lado esquerdo que estas religiosas entregam a sua alma a Deus, inclinando-se sobre o coração que, valorizado como órgão dos afectos e das vontades, significa a entrega total da religiosa ao seu Amado, numa espécie de reforço do Sim que lhe haviam dado ao entrar na vida religiosa, agora assinalado por uma topografia do corpo. Mas esta inclinação sobre a esquerda procura orientar-se para a chaga de Cristo, feita, como se sabe, sobre o lado esquerdo, numa atitude que denuncia devoções, mas também recorda a tão antiga oração de carácter claramente escatológico, que Santo Inácio transcreveu no início dos seus *Exercícios Espirituais*: «dentro das vossas chagas escondi-me; Não permitais que de Vós me separe»<sup>45</sup>. Esta mesma Soror Inês de Jesus, do Convento da Anunciada de Lisboa, «inclinando a cabeça para a parte esquerda, exalou a alma com o último suspiro»<sup>46</sup>. A Madre Maria Luísa, do Mosteiro da Conceição de Braga, «acabando de cantar, pôs a boca sobre a chaga do Lado de um crucifixo, que «dali se não tirava senão para ir com ele» e exclamando «Vinde, vinde, Senhor, que já quero ir convosco», placidamente expirou»<sup>47</sup>.

#### IV – Os «últimos fins»

Como não podia deixar de ser em ambiente católico, a morte é encarada como o momento charneira onde se joga o destino da alma. Há anos atrás, a propósito da reflexão sobre os últimos fins do homem<sup>48</sup>, chamei a atenção para a

---

<sup>45</sup> A oração em causa, conhecida como «Alma de Cristo» e que antecede sempre qualquer edição dos *Exercícios Espirituais* de Santo Inácio, é a seguinte:

Alma de Cristo, santificai-me!  
 Corpo de Cristo, salvai-me!  
 Sangue de Cristo, inebriai-me!  
 Água do lado de Cristo, lavai-me!  
 Paixão de Cristo, confortai-me!  
 Ó bom Jesus, ouvi-me :  
 Dentro das Vossas Chagas, escondi-me.  
 Não permitais que de Vós me separe.  
 Do espírito maligno, defendei-me.  
 Na hora da minha morte, chamai-me.  
 E mandai-me ir para Vós,  
 Para que Vos louve com os vossos Santos,  
 Por todos os séculos dos séculos. Amen.

<sup>46</sup> *Vida de Soror Inês de Jesus (...)*, ed. cit., 149.

<sup>47</sup> *Jardim do Céu plantado no Convento de Nossa Senhora da Conceição da cidade de Braga*, ed. cit., 118-119.

<sup>48</sup> Isabel MORUJÃO, *Incidências de «esperança mística» num solilóquio de Soror Violante do Céu*, in *Os «Últimos Fins» na cultura ibérica do século XV – XVIII*, Porto, Anexo VIII da Série de Línguas

clivagem entre a visão monástica feminina da morte e o discurso oficial, concionatório e tratadístico que a teorizava, acentuando, face aos terrores anunciados e temidos pelos mestres de pregação e teologia, a dimensão de «esperança mística» vivida no interior dos mosteiros femininos. Em contexto literário, resultante ou não de experiências de carácter mais místico, a ânsia de morte aparecia em todo o seu vigor, expressando a confiança das religiosas na misericórdia divina e na mensagem da redenção. Santa Teresa, Soror Violante do Céu, Soror Maria de S. José, Soror Madalena da Glória, entre outras, apresentam esse vector recorrentemente e bem vincado nas suas produções literárias. Esta dimensão surpreende-se também no plano da realidade, na forma como algumas religiosas encararam a sua morte, com a atitude de esperança de uma Madre Maria Joana, por exemplo, que pediu a Nossa Senhora «a levasse no seu dia». Ao perceber que morria, disse para as religiosas: «Ora graças a Deus, já agora, ó vida da minha vida, venha a morte cada vez que quiser»<sup>49</sup>.

Outras, curiosamente, repetem para si mesmas os poemas de Santa Teresa, que algumas cantam perante a comunidade. A Madre Soror Clara de Jesus, «vendo chegada a sua hora, com a admirável voz de que o Senhor a enriqueceu, cantou aquela doce letra, que em ocasião semelhante entoou a mística Doutora Santa Teresa: «Vivo sin vivir en mí,/ y tan alta vida espero,/ que muero porque no muero». Com voz já mais enfraquecida, repetiu outra, como despedindo-se de cantar mais nesta vida: «Acaba Soror Clara,/ e acaba sua fala»<sup>50</sup>.

O biógrafo da Madre Soror Francisca da Conceição, depois de relatar a visão que, à hora da morte, esta religiosa tivera, pela qual «fora seu espírito levado ao outro Mundo, onde em região estranha vira e ouvira coisas que lhe não era lícito nem possível manifestar; que a espantaram e aturdiram em grande maneira as blasfémias que ouvira proferir aos condenados do Inferno; (...) que eram gravísimos e muito esquisitos os tormentos que em profundíssimos calabouços padeciam algumas almas que ela mesma conhecera, por terem alterado a observância Regular e relaxado em parte os estilos religiosos. E sobre esta própria matéria acrescentou outros segredos e avisos, que pelas circunstâncias julgo aqui por inconveniente o declará-los. (...) Pelo que de algumas palavras se colhia, se encaminhavam as suas considerações ao gozo e felicidade eterna que proximamente esperava», pois exclamou as «palavras seguintes: «Meu Deus e meu Senhor, lugar tão alto na vossa glória não o merece esta pobrezinha; mas se é vontade vossa, que posso eu desejar mais que o ver-vos nessa Jerusalém Celeste?»»<sup>51</sup>.

---

e Literaturas (1997), 205-235.

<sup>49</sup> *Breve relação da Vida e morte prodigiosa da Madre Soror Maria Joana*, ed. cit., 4.

<sup>50</sup> *Crónica Seráfica (...)*, ed. cit., tomo III, 158.

<sup>51</sup> *Vida e Milagres da Venerável Madre Francisca da Conceição (...)*, ed. cit., 307-308.

No entanto, em muitas religiosas, parece relativamente diversa a perspectiva da morte enquanto desejo de aplanar a distância entre o humano e o divino ou enquanto ânsia de união ideal com Cristo, da morte real, momento extremo em que as consciências vacilam na aguçada certeza da fragilidade humana. E assim, muito frequentemente, encontramos nas religiosas moribundas a firme convicção de que irão para o Purgatório, um espaço, apesar de tudo, encarado como breve, de onde transitariam depois, para o Paraíso. Por isso as religiosas se faziam rodear de uma estreita vigilância que lhes garantia a observância de todos os procedimentos eficazes e adequados ao momento em questão: «vigiem-me a mim, que eu o não posso fazer como fazia às mais», pede Soror Maria Teresa de Jesus, religiosa do Mosteiro do Santíssimo Sacramento.

De facto, são várias as narrativas que falam da convicção das religiosas em irem para o Purgatório, como é o caso de Soror Benta Inácia, que «chegou a pedir ao seu Confessor, poucos tempos antes da sua morte, que quando lhe aplicasse as indulgências naquela hora que podia ter por privilégio da ordem como pessoais lhas não aplicasse todas, porque como esperava ir ao Purgatório pela misericórdia divina, não queria ir com as mãos vazias sem levar alguma coisa às almas que lá estavam, e como em vida nunca quisera nada para si só, assim o não queria na morte»<sup>52</sup>.

Uma das recomendações de leito de morte de Soror Maria Joana, do Mosteiro do Lourçal, foi «que rogassem a Deus pelas três necessidades que ela cá nesta vida tivera de obrigação pelos seus estatutos, que são as dos que estão em pecado mortal, em agonia de morte e as das almas do Purgatório». Teve esta religiosa «várias aparições de almas, umas que já iam gloriosas para o céu, outras que estavam ardendo no Purgatório e lhe pediam orações pelas quais fazia excessivas penitências»<sup>53</sup>.

O Purgatório era também a expectativa da Madre Mariana de Santa Brízida, cujo relato da morte, levado a cabo por Soror Maria Madalena de S. Pedro, regista que, na manhã de falecer, a religiosa dissera «com notável ânimo: Se morrer, não o sinto, porque espero na misericórdia de Deus me mandará para o Purgatório; e como lá já não o hei-de ofender, não se me dá de me queimar». A biógrafa comentou esta afirmação do seguinte modo: «Bem merecem estas suas penúltimas palavras todo o reparo, pois nela significou que antes queria arder que pecar»<sup>54</sup>.

A imaginação hagiográfica retoma, aliás, nestas narrativas, a mesma temática: «Depois de alguns meses de falecida» Soror Maria Teresa de Jesus, do Mosteiro do SS. Sacramento, «apareceu a uma religiosa com o hábito muito alvo, e lhe disse que ia para o céu pela misericórdia divina e que Deus lhe perdoara o

<sup>52</sup> *Vida de Soror Benta Inácia (...)*, fl. 21.

<sup>53</sup> *Breve Relação da Vida e Morte da Madre Soror Maria Joana (...)*, ed. cit., 6 e 8, respectivamente.

<sup>54</sup> *Notícias fielmente relatadas (...)*, ed. cit., 202.

tempo que havia estar mais no Purgatório, pela grande diligência que fazia para ganhar indulgências».

Esta questão do Purgatório devia, efectivamente, atormentar as religiosas, pois dela dá conta Francisco Lopes nos seguintes versos da *Vida e Milagres de Santo António de Lisboa* :

Milagre 49:  
Temia em grande maneira  
Uma freira em seu convento,  
Do Purgatório o tormento,  
O qual pensamento a freira  
Não tira do pensamento.  
E posto que as almas vão  
Gozar as divinas palmas,  
Não tira a imaginação,  
Das penas que tem as almas  
Que no Purgatório estão.  
E como oração fizesse  
Ao Santo a santa mulher  
Chegou ela a merecer  
Que nesta vida tivesse  
O que lá havia de ter.  
Quer Deus que seja notório,  
E visto o mal que lhe vem,  
Para que conheça bem  
Que as penas do Purgatório  
Já cá nesta vida as tem.  
Fez-lhe o Santo estes favores,  
Em ter cá dores mortais,  
A troco das outras dores  
Do Purgatório maiores,  
E sobre maiores, mais.  
E só por ter pensamentos  
Do Purgatório temer  
Veio a ter merecimentos  
De cá nesta vida ter  
Do Purgatório os tormentos (...)<sup>55</sup>

---

<sup>55</sup> Francisco LOPES, *Vida e Milagres de Santo António de Lisboa*, Lisboa, João Galvão, 1683, 335-336.

E perante estes temores, muitas vezes as narrativas detêm-se só de passagem em pormenores corporais e fisiológicos da religiosa *in articulo mortis* (chagas na boca e garganta, maleitas de ventre, desençaixe dos queixos, cancro, vômitos, etc.), para se centrarem fundamentalmente nos sinais que denotam a ansiedade das religiosas relativamente a este decisivo momento, que a maior parte delas procura viver de forma ritualizada, isto é, convencionalmente aceite como a mais adequada para garantir uma boa passagem. Nesse sentido, o desejo de confissão, que muitas vezes se repete na moribunda até à exaustão, requerendo frequentemente este sacramento em intervalos curtíssimos, ou expressando a vontade de receber o viático repetidamente, aparece associado a algum autor espiritual em que as religiosas se escudavam para reclamarem esse auxílio, e que os narradores transmitem.

Veja-se o exemplo de Soror Maria Joana, do Mosteiro do Louriçal que, tendo já recebido o viático, «no dia seguinte pediu ao mesmo padre confessor lhe desse outra vez o Senhor por viático, alegando para isso que o Padre Arbiol dizia que todos os dias que o enfermo o pedisse se lhe podia dar, o que dos assistentes foi muito celebrado»<sup>56</sup>. Tratar-se-á da obra *Religiosa instruída?* Ou de *Desenganos místicos*, obras estas ambas que se registam com muita frequência nos mosteiros femininos, como já se demonstrou em momento adequado<sup>57</sup>? Outro exemplo se colhe na *Vida de Soror Inês de Jesus*, do Mosteiro da Anunciada de Lisboa, de quem se diz que «os desejos de amar eternamente a faziam pedir com tanta instância os sacramentos da Igreja, como viáticos seguros de bem-aventurança.» E o mesmo se regista em muitas outras relações de morte, onde algumas religiosas se acercavam da hora decisiva com inquietação e receio: a Soror Francisca do Sepulcro, do Convento de Marvila, «veio o Padre Fr. Manuel do Sepulcro, seu Confessor, e lhe entrou pela cela, dizendo: «Benedictus Dominus Deus Israel», com tão grande ponderação, que infundia particular respeito. E ela, vendo-o, lhe disse: «Padre Fr. Manuel, é chegada aquela hora», com tanto receio como se fora a maior pecadora. Mas ele a animou muito. (...) Porém, naqueles cinco dias que estive de cama foi rara a palavra que falou, que toda estava ao interior recolhida, padecendo aquela terrível pena da incerteza; e assistida de muitas orações, absolvida muitas vezes, entregou aquele penitente espírito nas mãos do seu Criador a 15 de Outubro de 1702»<sup>58</sup>.

<sup>56</sup> Breve relação da vida e morte da (...) Madre Soror Maria Joana (...), ed. cit., 3.

<sup>57</sup> Sobre as leituras na clausura feminina portuguesa, veja-se Isabel MORUJÃO, *Livros e leituras na clausura feminina de Setecentos*, in *Revista da Faculdade de Letras, Línguas e Literaturas* (XIX) 2002, 111-170.

<sup>58</sup> *Notícias fielmente relatadas* (...), ed. cit., 173.

São mais escassas, nestas narrativas, as referências a mortes mais atordoadas ou de inquietação visível. No entanto, de Soror Inês de Jesus, do Mosteiro da Anunciada de Lisboa, deu-se conta da sua entrada «naquela tremenda hora em que consiste a salvação ou perda eterna». Por isso, «tocaram-se as tábuas, como é costume», para convocar toda a comunidade a estar presente. «Abriu Inês os olhos com aquela claridade com que sempre os teve e tornou-os a fechar, ouvindo o que lhe diziam, até que inclinando a cabeça para a parte esquerda exalou a alma com o último suspiro<sup>59</sup>». Na sua última hora, Soror Joana Evangelista<sup>60</sup>, depois de receber os Sacramentos e a Extrema Unção, levantou-se «com ímpeto e apertando as mãos disse com voz alta e expedita: «E que há-de ser de mim?», ou fosse porque o Demo a apertasse com algumas tentações de desesperação e por a sua humildade receava a conta de tão inocente vida que tanto temem os santos aparecer naquele Tribunal<sup>61</sup>».

## V – *Omnia per manus Mariae*

Nestes momentos de incerteza, a mediação da Virgem é muitíssimo recorrente em grande parte das religiosas, que alternam os seus actos de devoção entre jaculatórias a Cristo e orações a Maria. Soror Brízida da Conceição «pediu à Madre Inês lhe desse a vela (...) Passado um quarto de hora (ouvindo-a todas), disse em presença dos que lhe assistiam: «Regina Caeli laetere, Aleluia». E levantando os olhos para um quadro de Nossa Senhora, que muito estimava e venerava, que lhe ficava defronte, pronunciou estas palavras: «Mãe de Deus, valei-me!» (...) e com estas expirou<sup>62</sup>.

Curioso é também o registo feito por Fr. Bernardo de Brito acerca de uma religiosa do Mosteiro de S. Bento de Castris, que servira a Rainha D. Leonor, mulher de D. João II, que pede a Nossa Senhora que «antes da alma lhe sair do corpo alcançasse de seu Filho e Redentor (...) um perdão geral das suas culpas que no discurso da vida cometeu contra Sua Majestade. Pediu a Senhora a seu Filho que não deixasse de conceder salvação àquela sua devota (...) à qual petição respondeu Nosso Redentor que sem dúvida lhe daria a glória, mas que antes de entrar nela teria alguns dias de Purgatório. E como as religiosas (admiradas de a

---

<sup>59</sup> *Vida de Soror Inês de Jesus (...)*, ed. cit., 149.

<sup>60</sup> Soror Joana Evangelista faleceu em 20 de Maio de 1753, com 63 anos.

<sup>61</sup> *Memórias da Madre Soror Joana Evangelista*, fl. enumerado.

<sup>62</sup> *História da Vida Admirável (...) da Madre Brízida de Santo António (...)*, ed. cit., 258.

ouvirem falar) lhe perguntassem o que vira ou com quem praticara, ela lhe relatou o sucesso da visão»<sup>63</sup>.

Soror Inês de Jesus passou a noite antes da sua morte «invocando com frequência a Maria Santíssima, recitando a saudação angélica até ao fim, ao mesmo tempo que invocava o patrocínio de S. José, de quem fora sempre devotíssima»<sup>64</sup>.

## VI – Morrer em comunidade: Vigília e discernimento

Perspectivando-se a morte como limiar de tempos e espaços, não é de surpreender a atenção que se verifica em toda a comunidade, que espreita, vigia e interpreta todos os sinais da moribunda, para se tranquilizar, não só em relação ao destino feliz da alma de quem parte, mas também quanto ao que a espera a si mesma nesse derradeiro transe. Muitas religiosas questionam as companheiras que partem, sobretudo se estas têm crises alternadas de consciência e de perda dela, no sentido de tentarem perceber o que é o outro lado, de entenderem a experiência de limiar. O diálogo entre a moribunda e a comunidade é às vezes relatado com algum detalhe. Efectivamente, as próprias religiosas da comunidade procuravam descortinar, na observação minuciosa da morte da companheira, algum indício da vida que as esperava ao transporem a última fronteira terrena. Algumas interrogavam mesmo a moribunda, pedindo esclarecimentos, procurando saber o que se sentia. «Sabe-se sentir, mas não dizer», respondeu uma religiosa às suas companheiras que lhe perguntavam como era e o que sentia.

O desejo de serem vigiadas pelas companheiras nesses momentos que precediam a morte é, por isso, comum a estes relatos. Nas companheiras depositavam as moribundas pedidos de orações e de intercessão que parecia tranquilizá-las. Nesse sentido, quase podemos inventariar os rituais recorrentes das religiosas que se aproximavam da morte: confissão, viático, unção, ofício da agonia, crucifixo a que se agarravam, vela na mão, ladainhas de Nossa Senhora e dos santos, *Magnificat*, hinos (*Te Deum* e *Gloria in excelsis Deo*), salmos, o Credo, actos de contrição, terço, leituras de certas passagens da vida de santos, etc.

Há, no entanto, relatos de morte que apresentam a vontade das religiosas (rara e vista como desejo inexplicável, que a comunidade procura contrariar) em morrerem sozinhas, na solidão da sua cela, garantindo uma maior intimidade com Deus nesse momento tão pessoal e único. Refira-se o caso de Soror Francisca do

---

<sup>63</sup> Fr. Bernardo de BRITO, *Primeira parte da Crónica de Cister*, Lisboa, Pedro Craesbeck, 1602, 367 v..

<sup>64</sup> *Vida de Soror Inês de Jesus (...)*, ed. cit., p. 147.

Livramento, que sempre desejou morrer «sem que ninguém o soubesse». Tentaram a comunidade e o confessor contornar a sua atitude, vigiando-a especialmente, mas a religiosa, pressentindo que ia morrer, sempre dissuadiu as companheiras do contrário, dando-lhes ordens para que não a vigiassem e para que fossem descansar. Disse a uma sobrinha sua chamada Ana Francisca do Livramento que dissesse «a algumas religiosas que estavam que lhes agradecia muito a caridade que lhe faziam, mas que não estava para falar, e por isso lhes pedia que se fossem recolher. E dizendo-lhe a sobrinha «já estamos sós», a dita Venerável Madre lhe respondeu: «Ainda bem». E virando-se com o rosto para a parte do frontal, disse o seguinte: «Não me vigiem, nem vós consintais que me vigiem, porque quero estar com o meu Deus como quiser, e torno a repetir, e não quero que me vigiem». Dito isso (...) disse que lhe fosse chamar a Madre Maria dos Anjos e a fâmula Maria do Bom Despacho, para assistirem com ela aquela noite, porque não havia ficar com ela aquela noite outra pessoa alguma mais que as duas referidas»<sup>65</sup>. O mais curioso nesta atitude é a forma como dispensa o Viático que o confessor lhe promete, pois não tenta pedir-lho nessa altura, para não ter morte comunitária e presencialmente assistida, mas uma morte discreta e íntima em união com Cristo, da forma que ela entende mais conveniente e adequada ao seu desejo de se encontrar com o Criador: «Acabada a confissão, parecendo-me pela esperança da dita Religiosa que a sua morte não estava tão propínqua, lhe disse que na manhã seguinte havia tomar o Viático, do que a dita Religiosa me respondeu: «Há-de ser o que Deus dispuser»». Também às duas religiosas que chamou para a sua cela na noite em que sabia que ia morrer responde de modo individualista e muito ciente do que teria que fazer para se preparar para o difícil momento. A sua morte preparou-a sozinha, seguindo rituais que ela mesma planeou: «Disse a uma religiosa que lhe lesse em um livro que tratava de pontos de S. José, porque se queria consolar com as angústias que havia tido o dito santo». Estando já «com o rosto virado para o frontal, se persignou e benzeu; e depois de fazer actos de contrição e de bater nos peitos, disse a comemoração da santíssima Trindade, a qual concluiu com a sua oração *Omnipotens sempiterna Deus*. Fez também a comemoração do patriarca S. José, concluindo-a com as seguintes palavras: «Jesus, José e Maria, o coração vos dou e a minha alma». Fez também comemoração a outros santos, rogando-lhes que pedissem a Deus lhe perdoasse os seus pecados, porque não sabia se as confissões que havia feito seriam a Deus de agrado.

Estando a dita serva de Deus com estas deprecações e outras muitas jaculatórias, lhe disseram e rogaram as que estavam presentes que sossegasse para ver se podia repousar, ao que a dita Madre respondeu: «Porquê? Eu não hei-de fazer o

---

<sup>65</sup> *Instruções Morais e Ascéticas deduzidas da vida e morte da Venerável Madre Soror Francisca do Livramento (...)*, ed. cit., 249.

que me importa?»<sup>66</sup>. Sossegando mais tarde a Religiosa, e porque se encontrava de costas para as companheiras, estas suspeitaram que estaria em elevação e quiseram certificar-se disso, fazendo aproximar uma vela de cera. Viram então que Francisca do Livramento «estava com os olhos meios abertos e postos no céu, as mãos abertas, tendo a esquerda debaixo do rosto e a outra estendida. A boca algum tanto aberta e o rosto branco». Julgaram ainda que seria elevação, pelo que mandaram chamar outras religiosas e o Confessor, que confirmaram a sua morte.

Em todo este individualismo se pode ler uma confiança grande na misericórdia de Deus e na promessa do encontro final, numa atitude de esperança mística; e também o quanto a religiosa pensava que o essencial, na altura da morte, era a entrega total a Deus e o apego aos santos, os únicos mediadores de uma entrada na convivência de Deus. A comunidade joga aqui um papel de segunda ordem, na mediação e intercessão para uma boa morte<sup>67</sup>.

Alguns laivos ou assomos de personalidade irrompem justamente nas religiosas, nestes momentos finais, o que as biografias registam de modo a captar a nossa atenção para a forma como cada religiosa procurava tornar a sua morte adequada ao ideal que dela tinha feito. As exigências feitas e a secura ou autoridade com que então reagem em relação às suas irmãs de religião tornam-se sinal de controlo e do carácter decisivo que a hora assumia. Soror Benta Inácia, por exemplo, recusou a comunhão: «porque estou com secura e só comungarei se for por Viático»<sup>68</sup>.

No entanto, os esforços das religiosas para se anteciparem a esse momento e tentarem contrariar a vontade da moribunda são sinal de que era em comunidade e de forma pública, com religiosas e confessores, que a morte era perspectivada na clausura feminina portuguesa. Às vezes, a população exterior ao convento associava-se também a esses momentos pela oração e pelo envio de objectos a que atribuíam forte poder intercessor e mediador, como as relíquias de santos, que encheram a cela de Soror Mariana da Purificação: «foram tantas as relíquias que ajuntaram na cela da enferma, que para estarem com mais decência foi preciso levantar-se um altar onde se colocaram com toda a veneração. Três dias antes do

<sup>66</sup> *Instruções Morais e Ascéticas deduzidas da vida e morte da Venerável Madre Soror Francisca do Livramento (...)*, ed. cit., 249-250.

<sup>67</sup> No entanto, refira-se que, perante o carácter inusitado deste comportamento, o biógrafo ensaia uma explicação que não carregasse sobre a religiosa uma atitude fracturante ou demasiado individualista para alguém que, seguindo a vida religiosa, professa viver em comunidade: «Se tanto molestam as lágrimas a uma alma que deseja desatar-se deste mundo para se unir com Jesus Cristo, como não havia a nossa Madre Francisca desejar ver-se de repente com Cristo, só para não ouvir as lágrimas das suas irmãs religiosas?» (*Instruções Morais e Ascéticas (...)*, ed. cit., 234).

<sup>68</sup> *Vida da Madre Soror Benta Inácia do Santíssimo Sacramento, religiosa neste mosteiro do Santíssimo Sacramento de Lisboa*, fl. 29.

seu trânsito felicíssimo, ordenou a Venerável Madre Mariana (...) as mandassem todas a seus donos»<sup>69</sup>.

É numa retórica de contraste que, quase invariavelmente, toda esta passagem da morte é relatada pelos biógrafos. De facto, depois de se referirem os tormentos e escrúpulos das religiosas que temiam o inferno ou se apaziguavam com a convicção de um certo purgatório, a morte propriamente dita passa muitas vezes desapercibida às religiosas da comunidade, que nem sequer davam conta da perda da respiração da moribunda, tal era a serenidade com que as religiosas morriam. E é com o rosto «formoso», «descansado», «feliz»<sup>70</sup>, «branco e resplandecente»<sup>71</sup>, de «semblante sereno»<sup>72</sup> que se descreve normalmente uma morte «preciosa»<sup>73</sup>, onde os gestos da religiosa ao morrer são interpretados como indícios do seu destino escatológico:

«Também se viu inclinar a vela que tinha na mão para a mesma parte [esquerda] aonde Inês tinha a cabeça. Seria acaso, mas pode ser mistério, que como Inês era de tão santa vida, nas luzes queria Deus mostrar era aquele corpo já digno de luzidos cultos»<sup>74</sup>. O purgatório, tido como destino primeiro, é substituído por uma proposta de leitura do *facies* da religiosa morta, que indiciava estar já no Paraíso: «Recebeu o Santíssimo Sacramento com notável sossego (...) E sem mais algum sinal mortal, entregou a alma ao criador, a 9 de Maio de 1745. (...) Ficou com um semblante tão sereno e com tal descanso, que bem mostrava o que estava logrando»<sup>75</sup>.

Há, de facto, uma outra atitude ritual a registar na morte das religiosas: quase todas elas morrem de vela acesa na mão (se calhar todas elas, partindo do princípio que a referência à vela, por tão óbvia, poderia não ter sido registada pelos biógrafos), como se acabou de ler a propósito de Soror Inês de Jesus e se pode ler em muitos outros relatos<sup>76</sup>, em conventos portugueses ou do Brasil: «Atendendo com muito sossego e quietação ao Ofício da Agonia, que de joelhos lhe rezavam os Padres, e ao Credo que lhe cantavam as religiosas, (...) em chegando estas com

---

<sup>69</sup> *Fragmentos da prodigiosa Vida da muito favorecida e amada Esposa de Jesu Cristo, a Venerável Madre Mariana da Purificação (...)*, ed. cit., 352.

<sup>70</sup> *Memórias da Madre Soror Joana Evangelista (...)*, fl. inumerado.

<sup>71</sup> *Vida da Insigne Serva de Deus, D. Úrsula de Vilhena*, fl. 253.

<sup>72</sup> *Vida da Madre Soror Benta Inácia (...)*, fl. 30

<sup>73</sup> *Vida da Madre Soror Maria Teresa de Jesus (...)*.

<sup>74</sup> *Vida de Soror Inês de Jesus (...)*, ed. cit., 150.

<sup>75</sup> *Vida da Madre Soror Benta Inácia (...)*, fl. 30

<sup>76</sup> Por mais significativo, citamos o exemplo de Soror Brízida de Santo António: «chegando a dar o relógio onze horas pediu à madre Inês lhe desse a vela. E teve grande consolação a Madre Inês em lha dar, porque assim se cumpriu a profecia que muitos anos antes havia feito, de que ela lha havia de meter na mão quando morresse» (p.258). O exemplo é elucidativo da ritualização de gestos, objectos e orações, que ganham um sentido acrescido no momento da morte.

o Canto à última palavra (*Amen*), largou o crucifixo e a vela que tinha nas mãos, as quais, cruzando sobre o peito e inclinando a cabeça, deu a Madre Soror Vitória da Encarnação o seu venturoso espírito ao Criador»<sup>77</sup>.

Os momentos vividos em torno do leito de morte das religiosas deveriam constituir, de facto, experiências de grande intensidade e, por isso, os relatos da morte na clausura deveriam ser extremamente atractivos para quem os lia. Eles constituem, além do mais, práticas da memória feminina de rara incidência na época e observatório de atitudes e de modelos. Através da reacção das religiosas a essa hora tão decisiva, tem-se acesso ao mundo interior de muitas delas e à intensidade com que viviam a sua relação com Deus, bem como ao despojamento maior ou menor dessa relação. O espanto que tantas vezes parece unificar a comunidade inteira que assiste à morte de alguma companheira resultou, certamente, da possibilidade de surpreenderem o mundo interior das companheiras em meandros a que só muitas vezes o Confessor, a Prelada ou uma ou outra religiosa mais próxima tinham acesso. E, apesar da memória feminina ser, acima de tudo, nestas épocas, uma memória associada à oralidade, os registos das orações, colóquios e jaculatórias pressupõem que alguém esteve de pena na mão, a registar as últimas orações, os últimos diálogos com Cristo, etc. De outra maneira não se entende como se poderia divulgar por escrito tantos e por vezes tão extensos textos, tendo por mero suporte a memória e o coração<sup>78</sup>.

---

<sup>77</sup> *História da vida e morte da Madre Vitória da Encarnação (...)*, ed. cit., 125.

<sup>78</sup> Transcrevemos as quadras que, nos últimos momentos da sua vida, a Madre Maria Luísa, do Convento da Conceição de Braga, compôs, depois de ver que as suas companheiras, a quem pedira «a ajudassem a cantar ao Divino Esposo uma letra devota para alegrar o seu espírito (...), «como penetradas da grande pena, não se animaram a fazer-lhe o gosto. Começou então a santa Religiosa a compor letras ao Senhor e a cantá-las com tanto júbilo da sua alma. (...) As freiras escutavam perplexas o canto, admiradas não menos da suavidade da voz que do misterioso das seguintes letras:

Meu Senhor, Eterno Padre,  
Eu estou à vossa porta,  
E se me não acudires,  
Que será de mim agora?

Ó meu Menino Jesus,  
Meu querido, meu Amor,  
Que contas vos hei-de dar  
Quando deste mundo for?

Está bem aparelhada,  
Porque tas hei-de pedir:  
Em que empregaste o teu tempo?  
Deixaste de me servir? (p. 118)»

Os relatos de morte de religiosas apresentam, de facto, invariantes e variáveis, prendendo-se estas particularmente com a personalidade da religiosa e com o mais íntimo de cada uma, que é a sua fé e o modo como com ela vive e perspectiva a existência. Apesar de tudo, alguns tópicos são mais próprios de umas congregações do que outros. Entre as franciscanas, por exemplo, as narrativas insistem frequentes vezes no rigor do cumprimento da tradição dos rituais da morte, supondo-se, com estas retomadas referências, que os protocolos seriam comuns às várias casas e que constituiriam uma moldura que permitiria a cada religiosa enquadrar a morte de forma mais tranquilizadora: «Feitas as mais cerimónias costumadas na Ordem, (...) fez ao Senhor esta devota oferta», diz Fr. Jerónimo de Belém a propósito da morte de Soror Serafina da Glória<sup>79</sup>. Também de Soror Joana Luísa do Carmelo afirma o seu biógrafo, Frei António do Sacramento, que «alentada com o Santíssimo Sacramento da Eucaristia, houve de receber com igual contentamento e conformidade o Santo Sacramento da Unção, que se lhe conferiu com toda a solenidade que é louvável costume na nossa religião sagrada»<sup>80</sup>. E nesta perspectiva comparativa se abrange em todo o seu alcance a atitude de Soror Francisca do Livramento, que quis morrer fora do enquadramento comunitário (embora não sozinha).

Também entre as religiosas brigittinas (da Ordem de Sta Brígida) parece cumprir-se um procedimento muito ritualizado em torno da morte, pelo que se deduz da forma como foi acompanhada nos seus últimos momentos a Madre Isabel das Chagas: «Estavam as religiosas cantando o Credo, como é estilo, e o Confessor à cabeceira, e a Madre Soror Ana da Madre de Deus junto à cama, e da outra parte outra freira, que ainda vive»<sup>81</sup>.

As biografias de religiosas que se detêm na narrativa da sua morte centram-se, naturalmente, na moribunda, mas também na comunidade que assistia à morte, que ora chorava, com saudades antecipadas, ora se emocionava com os exemplos de devoção e de fé, ora vigiava atentamente todos os sinais que confirmassem uma passagem serena para o mundo que todas desejavam e algumas ainda temiam. No entanto, se a moribunda constitui o centro das atenções no corpo do texto, no caso das biografias editadas, os textos preliminares apresentam algumas vezes a perspectiva de uma ou outra religiosa sobre a morte de uma sua companheira, em registo poético. E por isso se torna interessante ver como as memórias femininas, construídas pelo feminino, recorrem várias vezes ao registo poético

---

<sup>79</sup> Jerónimo de BELÉM, *Crónica Seráfica (...)*, ed. cit., tomo II. Soror Serafina da Glória faleceu no Mosteiro de Jesus de Setúbal a 18 de Setembro de 1618.

<sup>80</sup> *Vida, virtudes e falecimento da Venerável Madre Soror Joana Luísa do Carmelo (...)*, ed. cit., 158-159.

<sup>81</sup> *Notícias fielmente relatadas (...)*, ed. cit., 151.

para expressar emoções que só o carácter sintético da poesia ou a liberdade desta modalidade autorizaria. São textos marcados por traços de narratividade, mas imbuídos de uma emoção e de uma vertente experiencial e testemunhal que só os moldes poéticos permitem expressar, por lhes ser talvez atribuído um maior poder de comunicação («Cuál mariposa amante te contemplo/Abrazada en la llama a que volaste,/ Ya logras ese bién, por que anhelaste,/ Ya eres de esa luz morada y templo»).

Efectivamente, se se puder generalizar a todas as Ordens religiosas a atitude que o biógrafo de Soror Mariana Josefa atribui aos carmelitas («bastava o muito que costumam os filhos de Santa Teresa esconder tudo o de que pode resultar glória particular a qualquer dos seus, para nos não vir à notícia o que chegasse a saber-se entre eles da Madre Mariana»<sup>82</sup>), é possível pensar-se que seria mais facilmente aceite uma religiosa deixar memória de outra em registo poético. E porque a poesia fazia parte das práticas de sociabilidade entre o convento e a corte, relatar a morte em sonetos ou décimas é claramente distinto de o fazer em narrativas biográficas, que não deveriam sair do interior do convento. Assim, a sensibilidade perante a morte de determinada religiosa é algumas vezes revelada nos preliminares das Vidas, como acontece nas poesias de Soror Francisca Juliana por ocasião da morte de D. Tomásia de Araújo, terceira dominicana do Mosteiro do Salvador de Lisboa, de que se citam apenas estes versos: «Llegó el plazo feliz y deseado/ De levantar esta paloma al vuelo/ Para unirse inmortal com su amado./ Dió el corazón su giro desde el suelo,/ Quedándose a lograr inseparado/Los divinos amplexos en el Cielo.»

Embora dando corpo a estereótipos de género e de poema de circunstância, esta poesia descreve sobretudo a morte como momento de encontro da religiosa com Cristo, nessa medida propondo uma leitura de santidade para a vida em questão (ainda que apresentada sob a restrição do decreto de Urbano VIII) e um modelo de perfeição para a vida monástica feminina.

Todas estas passagens nos têm mostrado, «ao pé da letra», a forma como a morte se processava entre os mosteiros femininos e o modo como era perspectivada antes, durante e após este momento crucial. Mas estes relatos adquirem também uma função configuradora de formas de morrer na clausura, conforme atestam as várias protestações exibidas por alguns autores (sobretudo quando os relatos saem impressos, mas também nos manuscritos – nestes casos indiciando uma circulação fora do convento ou a intenção de editar o relato<sup>83</sup>). Declarando respeitarem a constituição de Urbano VIII, afirmam todos, de modo mais ou menos fixo, o seguinte: «Sujeitando-me ao decreto do santo Padre Urbano VIII, protesto que

<sup>82</sup> *Vida e Obras da Serva de Deus a Madre Mariana Josefa Joaquina de Jesus (...)*, ed. cit., 199.

<sup>83</sup> É o que acontece com a vida manuscrita da Madre Úrsula de Vilhena, que exhibe já essa declaração.

quanto digo neste livro não tem mais que fê humana, e que os nomes de santa, venerável, prodigiosa que dou a Soror Inês só caem sobre as suas virtudes e não sobre a pessoa, não querendo que por isso [se] lhe dê algum culto»<sup>84</sup>. Ou ainda, citando o mesmo Papa Urbano: «Só escrevo este livro como história humana, por ser capaz, por sua matéria, para excitar as almas ao amor da virtude e louvor de Deus»<sup>85</sup>. É, pois, na área explícita do *docere* e da modelização de comportamentos que recai a função e a essência da maior parte destas Vidas.

A ser assim, é claramente possível que as narrativas que descrevem a morte de religiosas de clausura estejam a reproduzir, «à letra», um paradigma que as religiosas procuram prolongar e reproduzir para si mesmas. Constituindo leituras sobre a morte de religiosas de clausura, estas narrativas deixam transparecer, fundamentalmente, uma leitura da morte<sup>86</sup>.

Isabel Morujão  
(Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

## Abstract

*This paper – «Die by the letter: death accounts in Portuguese feminine enclosure» – has its origin in a corpus of twenty-six biographies of religious women (nine manuscripts and seventeen printed), written between the XVII and XVIII centuries. By using these sources the intention was to reconstruct an observation point capable of accessing death rituals among Portuguese feminine enclosure in the Modern Age, here reconstructed, from community perspectives and also from an individual perspective of the religious woman that died.*

---

<sup>84</sup> *Vida de Soror Inês de Jesus (...)*, ed. cit.

<sup>85</sup> *Desposórios do espírito celebrados entre o Divino Amante e (...) a Venerável Madre Soror Mariana do Rosário(...)*, ed. cit.

<sup>86</sup> De facto, nos *Desposórios do Espírito* redigidos por Fr. António d'Almada, editados em 1766, aprecia-se do seguinte modo os cuidados que as religiosas tinham por ocasião da aproximação de uma sua companheira a quem admiravam como virtuosa: «Ali teve que admirar-se a edificação, e que enternecer-se o afecto das circunstantes, vendo aquela alma toda de Deus tão conforme com sua santíssima vontade, que tendo sido exemplar de virtudes naquele convento, pedia perdão de suas culpas às mesmas a quem sempre edificara com seu exemplo. Enfim pagou-se a isto o devido tributo de lágrimas, e as religiosas que presentes se achavam ficaram considerando que, se pede na hora da morte estes perdões quem viveu sempre com tão notória santidade, muito era o que em si tinham que emendar as que em si viam não ter subido tão alto nas virtudes.» (p. 380).

